

Plano não entra nas negociações

CORREIO
DIA 11

Última ex-

19 DEZ 1985

O ministro João Sayad declarou ontem, ainda em Washington que o governo brasileiro não aceita o monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI) para concluir o acordo com os bancos credores de reescalonamento da dívida externa. Explicou que o Brasil pleiteia acordos de dois anos com redução de spreads (taxas de risco), e que o governo brasileiro espera do FMI e do Banco Mundial uma avaliação positiva do programa econômico recentemente aprovado pelo Congresso.

Indagado, na entrevista coletiva concedida à imprensa norte-americana e aos correspondentes brasileiros, sobre a adoção de um choque heterodoxo para combater a inflação

inercial, Sayad, informou que a alternativa "não está nos planos do Governo". Enfaticamente, disse que "não há tratamento de choque". Em Brasília, entretanto, assessores seus confirmaram estudos sobre o assunto, embora tenham observado que a preocupação no momento é regularizar os preços dos produtos agrícolas, foco atual de aceleração inflacionária.

O ministro considerou "extremamente positivas" as conversações ontem com o presidente do Banco Mundial, Alden Clausen. Explicou que elas garantem um aumento do financiamento do banco para novos tipos de programas, informando que já em 86 o setor elétrico brasileiro receberá créditos de 800 milhões de dólares, em regi-

me de co-financiamento com os bancos comerciais, para fazer a sua recuperação, através de planos de saneamento financeiro e de recuperação de sua capacidade de investimentos. Nos próximos 18 meses, disse, o setor elétrico receberá uma ajuda financeira do BIRD de 1,2 bilhão de dólares. E anunciou que o setor siderúrgico pode ser o próximo segmento a ser beneficiado com recursos adicionais dessa instituição.

Sayad declarou que no atual ano fiscal do banco, que vai se estender até 30 de junho, o Brasil vai receber empréstimos de 1,5 bilhão de dólares, volume que no ano fiscal 86/87 sobe, segundo o ministro, para 2,8 bilhões de dólares.